



## A GRAFIA DA NASALIDADE VOCÁLICA POR ESTUDANTES DO EJA

MARIANA MÜLLER DE ÁVILA<sup>1</sup>; ANA RUTH MORESCO MIRANDA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [marianamulleravila@gmail.com](mailto:marianamulleravila@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [anaruthmmiranda@gmail.com](mailto:anaruthmmiranda@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo descrever e analisar os tipos de grafias utilizados por estudantes do 1º ao 9º ano da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), de uma escola pública da cidade de Pelotas/RS, para marcar a nasalidade vocálica em contexto medial e final de palavra, com o intuito de verificar se o tipo de erro (orto)gráfico predominante na escrita desses sujeitos assemelha-se ao das crianças em aquisição do sistema alfabético-ortográfico nos primeiros anos escolares. Sabe-se que a nasalidade na língua portuguesa é representada ortograficamente pela presença das consoantes <m>, <n> e <nh> em posição de ataque silábico, pelas consoantes <m> e <n> em posição pós-vocálica e também pelo diacrítico til sobre a vogal alvo da nasalização. Haja vista, os estudos voltados à aquisição da escrita (ABAURRE, 1999; MIRANDA, 2011, 2013, 2018; ÁVILA, 2019) argumentam que a representação gráfica da nasalidade vocálica é contraintuitiva aos sujeitos durante os primeiros anos escolares, pois, diferentemente das abordagens fonológicas para a língua portuguesa, que defendem a nasalidade vocálica como uma estrutura formada por vogal oral seguida de consoante nasal tautossilábica (CAMARA JR., 1979; BISOL, 2013), as crianças parecem ter a nasalidade representada fonologicamente com um único segmento (FREITAS, 1997; MIRANDA, 2011).

Dessa forma, para classificar as diferentes estratégias na grafia encontradas de crianças durante a aprendizagem da escrita, Miranda (2018; 2020) analisa o erro (orto)gráfico com base em três grandes categorias que visam explicitar sua natureza, a saber: fonológica, ortográfica e fonográfica. Os erros considerados fonológicos referem-se às grafias motivadas por questões representacionais, que expressam a complexidade da fonologia da língua (“madou” para mandou); os ortográficos, por sua vez, revelam a não observância das regras que regem a ortografia da língua (“senpre” para sempre); e os fonográficos expressam falhas no processamento da relação grafema-fonema (“mariz” para nariz), por exemplo. A autora também argumenta em favor da existência de erros de natureza híbrida, em que o registro realizado pela criança aponta mais de um tipo de motivação (“setavãom” para estavam). Segundo Miranda, nas primeiras etapas da alfabetização, tende-se a observar maior incidência de erros de natureza fonológica na grafia dos estudantes. No entanto, com o avançar das práticas de letramento e dos anos escolares, erros dessa natureza começam a diminuir, dando lugar aqueles de natureza ortográfica. Miranda (op.cit.) salienta que a compreensão dos princípios do sistema



alfabético cria contexto para a redescrição representacional das formas presentes na fonologia dos sujeitos, conforme proposto por Karmiloff-Smith (1994).

## 2. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados dados extraídos de textos espontâneos de estudantes, com idades entre 13 e 69 anos, de 1º ao 9º ano da modalidade EJA de uma escola do ensino público da cidade de Pelotas/RS. Os textos pertencem ao estrato 6 do BATALE<sup>1</sup> e foram coletados a partir de oficinas de produção de textual ministrados por integrantes do GEALE<sup>2</sup>. Os materiais estão divididos em duas etapas, seguindo a organização das salas de EJA, conforme apresentado na tabela a seguir:

	Ano escolar	Nº de sujeitos	Nº de oficinas aplicadas	Nº de textos coletados
1ª etapa	1º ao 5º ano	13	5	44
2ª etapa	5º ao 9º ano	16	6	54

Tabela 1 - Descrição da amostra utilizada no estudo  
Fonte: BATALE Estrato 6

Dos textos referentes a cada uma das etapas, foram extraídos, separadamente, todos os registros com contexto para nasalidade vocálica em posição medial e final de palavra, os quais foram divididos em erros e acertos. Os erros identificados foram divididos de acordo com as categorias estabelecidas por Miranda (2018; 2020) para os erros (orto)gráficos: erros de natureza fonológica, ortográfica e fonográfica.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos textos, foram encontradas 554 grafias com contexto de nasalidade vocálica em posição medial e final de palavra. Salienta-se que, na análise dos textos pertencentes a 1ª etapa, foi encontrado um volume inferior de dados em comparação aos materiais da 2ª etapa, tendo em vista que grande parte dos textos apresentava escritas pré-alfabéticas. A Tabela 2, a seguir, exhibe em detalhes o número de dados levantados em posição medial e final de sílaba, bem como o total de erros (orto)gráficos identificados em cada etapa investigada.

Etapa	Nasalidade Medial		Nasalidade Final	
	<i>erros/contextos</i>	<i>percentual de erros</i>	<i>erros/contextos</i>	<i>percentual de erros</i>
1ª	19/47	40.4%	3/19	15.8%
2ª	46/295	15.6%	40/193	20.7%

Tabela 2 - Levantamento do total de dados e erros encontrados nas amostras  
Fonte: elaboração própria

<sup>1</sup> Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita pertencente ao GEALE.

<sup>2</sup> Grupo de Estudos de Aquisição da Linguagem Escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.



Os erros (orto)gráficos encontrados em cada etapa foram divididos separadamente em erros de natureza fonológica, ortográfica, fonográfica e híbrida. O gráfico abaixo apresenta os tipos de erros com maior predominância nos textos espontâneos dos estudantes da 1ª etapa:

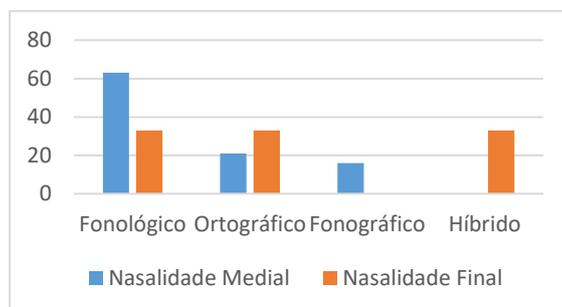


Gráfico 1 - Distribuição dos erros (orto)gráficos dos estudantes da 1ª etapa  
Fonte: elaboração própria

Como é possível observar, os dados com contexto para nasalidade medial apresentaram maior volume de erros de natureza fonológica, com grafias como “e coutrou” para “encontrou”, em que há a omissão da consoante nasal na primeira sílaba e o uso do ditongo oral na segunda para marcar a nasalidade da vogal média posterior. Para os registros que marcam a nasalidade final, os três dados encontrados distribuíram-se um para cada uma das categorias, fonológica, ortográfica e híbrida, sugerindo, pela variedade de estratégias, a complexidade do registro gráfico da nasalidade para os estudantes do 1º ao 5º ano. No próximo gráfico, tem-se os resultados encontrados a partir da análise dos dados pertencentes à turma da 2ª etapa:

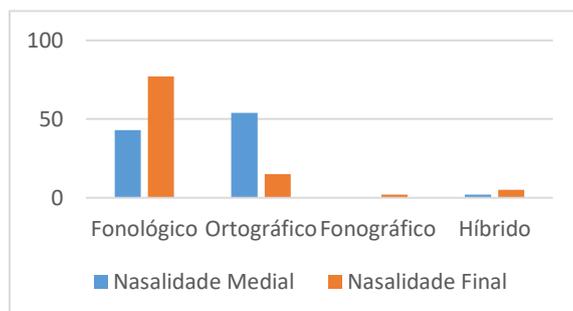


Gráfico 2 - Distribuição dos erros (orto)gráficos dos estudantes da 2ª etapa  
Fonte: elaboração própria

Na segunda etapa do EJA, as palavras com contexto para nasalidade medial apresentaram maior ocorrência de erros fonológicos (77.5%), com registros que sugerem o alongamento da vogal alvo da nasalização, “em taaõ” para “então”, e a dupla marcação da nasalidade, como é possível observar no exemplo retirado de um dos textos da amostra, reproduzido a seguir:

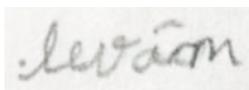


Figura 1 - Registro gráfico para o verbo levar na 3ª pessoa do plural  
Fonte: BATALE Estrato 6



Os erros classificados como de natureza ortográfica mostram-se mais recorrentes nos dados de nasalidade medial, com trocas <m> e <n>, grafemas regulados por regras contextuais nesta posição, como em “pemsamdo” e “tenpo”, por exemplo.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da análise dos dados, nota-se que o registro gráfico da nasalidade vocálica também se faz complexo para os estudantes da modalidade EJA. O tipo de erro (orto)gráfico de maior incidência encontrado na amostra investigada se assemelha aqueles identificados nos textos espontâneos infantis (ABAURRE, 2011; MIRANDA, 2009; ÁVILA, 2019). Sugere-se, dessa forma, que, além de contribuir para a aquisição da fonologia da língua por parte das crianças (MIRANDA, 2018), a aprendizagem do sistema de escrita alfabética na fase adulta é um componente que também atua para uma potencial redescritção das representações das estruturas fonológicas na mente dos indivíduos (KARMILOFF-SMITH, 1994), auxiliando-os na reorganização de seu conhecimento linguístico.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. A relação entre a escrita espontânea e representações linguísticas adjacentes. **Verba Volant**, v. 2, n. 1, p. 167 – 200, jun. 2011.

Ávila, Mariana Müller. **A escrita inicial de crianças brasileiras, moçambicanas e portuguesas: um estudo sobre a representação da nasalidade fonológica**. 2019. 109f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas.

BISOL, Leda. Fonologia da Nasalização. In: Abaurre, Maria Bernadete M. **A construção Fonológica da Palavra** - São Paulo : Contexto, 2013.

CAMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2007.

KARMILOFF-SMITH, A. **Más allá de la modularidad: la ciencia cognitiva desde la perspectiva del desarrollo**. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1994.

MIRANDA, A. R. M. Aquisição da Linguagem: escrita e fonologia. In: Lazarotto-Volcão, Cristiane; Freitas, Maria João. (Org.). **Estudos em fonética e fonologia: coletânea em homenagem a Carmen Matzenauer**. Curitiba: CRV, 2018. 396p.

MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: Dossiê Alfabetização de Letramento, v.36. 2020.